

**AS “ENCRUZILIVES” DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES EM
TEMPOS (PÓS) PANDÊMICOS**

**THE “CROSSROADS” OF NON-
SCHOOL EDUCATIONAL PRACTICES
IN (POST) PANDEMIC TIMES**

**LAS “ENCRUCIJADAS” DE LAS
PRÁCTICAS EDUCATIVAS NO
ESCOLARIZADAS EN TIEMPOS (POS)
DE PANDEMIA**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo demonstrar a reorganização do trabalho sociopedagógico de um Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão de uma universidade pública fluminense para a realização de suas atividades formativas extensionistas sobre as práticas educativas não escolares desde o fenômeno social e educacional instado pela COVID-19. Para isso, o artigo promove a discussão, no campo teórico da Pedagogia Social sobre a organização das práticas educativas não escolares, o uso de tecnologias digitais de comunicação e/ou informação sociais e a situação social imposta pela pandemia. Assim, ao relatar as adaptações educacionais possíveis realizadas pelo grupo extensionista, inferiu-se que desde os desdobramentos socioeducacionais da COVID-19, promoveu-se a criatividade educacional necessária para continuidade dos processos cognitivos nos ambientes educacionais. Ou seja, manteve-se os vínculos interpessoais fundamentais para o processo educacionais, através das redes sociais, com os profissionais da educação isolados, total e/ou parcial, nos últimos dois anos. Por fim, entende-se que o evento pandêmico deixou marcas significativas, e possivelmente positivas, nas práticas educacionais. De maneira específica, em ações extensionistas como as promovidas nesta universidade pública na região metropolitana fluminense.

Palavras-chave: Ações extensionistas. Práticas Educativas Não Escolares. COVID-19.

Recebido em: 10/10/2022

Aceito em: 08/11/2022

Publicação em: 15/12/2022



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i3.64490

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Arthur Vianna Ferreira

Doutor em Educação

Professor da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: arthuruerjffp@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5297-1883>

Como citar este artigo:

FERREIRA, A. V. AS ‘ENCRUZILIVES’ DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES EM TEMPOS (PÓS) PANDÊMICOS. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-14, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.64490>

Abstract: This article demonstrates the reorganization of the socio-pedagogical work of a Study, Research and Extension Group at a public university from Rio de Janeiro to carry out its extension training activities on non-school educational practices since the social and educational phenomenon urged by COVID-19. First, the article promotes the discussion, in the theoretical field of Social Pedagogy, about the organization of non-school educational practices, the use of digital technologies of communication and/or social information and the social situation imposed by the pandemic. So, when reporting the possible educational adaptations made by the extension group, it was inferred that since the socio-educational developments of COVID-19, the educational creativity necessary for the continuity of cognitive processes in educational environments. In other words, the fundamental interpersonal bonds for the educational process were maintained, through social networks, with isolated education professionals, total and/or partial, in the last two years. Finally, it is understood that the pandemic event left significant, and possibly positive, marks on educational practices. Specifically, in extension actions such as those promoted at this public university in the metropolitan region of Rio de Janeiro.

Keywords: Extension actions. Non-School Educational Practices. COVID-19.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo demostrar la reorganización del trabajo sociopedagógico de un Grupo de Estudio, Investigación y Extensión de una universidad pública de Río de Janeiro para llevar a cabo sus actividades de formación de extensión sobre prácticas educativas no escolares a partir del fenómeno social y educativo puesto por COVID-19. Para eso, el artículo promueve la discusión, en el campo teórico de la Pedagogía Social, sobre la organización de las prácticas educativas no escolares, el uso de las tecnologías digitales de comunicación y/o información social y la situación social impuesta por la pandemia. Así, al informar las posibles adaptaciones educativas realizadas por el grupo de extensión, se infirió que a partir de la COVID-19 se promovió la creatividad educativa necesaria para la continuidad de los procesos cognitivos en los ambientes educativos. Es decir, se mantuvieron los vínculos interpersonales fundamentales para el proceso educativo, a través de las redes sociales, junto a los profesionales de la educación aislados, totales y/o parciales, en los dos últimos años. Finalmente, se entiende que el evento pandémico dejó marcas significativas, y posiblemente positivas, en las prácticas educativas. En concreto, en acciones de extensión como las que se impulsan en esta universidad pública de la región metropolitana de Río de Janeiro.

Palabras clave: Acciones de extensión. Prácticas Educativas No Escolares. COVID-19.

1 INTRODUÇÃO: de onde parte a nossa reflexão sobre as práticas educativas não escolares em tempo de pandemia?

O presente artigo tem como objetivo demonstrar as adaptações possíveis realizadas pelo Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para continuar as suas atividades formativas extensionistas sobre as práticas educativas não escolares a partir do fenômeno social e educacional promovido pela COVID-19 desde março de 2020. Esse evento, que provocou o fechamento dos estabelecimentos de ensino no país, exigiu de todos os profissionais da educação novas alternativas para continuar os seus trabalhos cotidianos, realizando duas funções fundamentais: continuar os processos cognitivos iniciados nos ambientes educacionais e manter os vínculos interpessoais, através das redes sociais, com sujeitos que viveram de maneira impositiva o isolamento social total e/ou parcial por dois anos.

Assim, este artigo não é apenas um relato de experiência, mas sim uma possibilidade de entendermos que o evento COVID-19 não é algo passageiro e que deixou marcar profundas as nossas práticas educacionais, dentro e fora da sala de aula. E, ainda mais, para as ações educativas realizadas a partir das ações extensionistas promovidas pelas universidades públicas, de maneira especial, a FFP/UERJ.

Por isso, dividimos este texto em duas partes. A primeira, explicando sobre o campo do saber da Pedagogia Social como o fundamento das atividades extensionistas praticadas por esse grupo de pesquisa com foco na formação continuada de educadores sociais, ou seja, profissionais da educação que se dedicam as rotinas de aprendizagem em ambientes não escolares. E, na segunda, a organização das ações extensionistas realizadas no período da pandemia, suas participações, vantagens e desvantagens, chegando a determinadas inferências sobre como aproveitar as aprendizagens desse

período pandêmico que permaneceram nessa retomada as atividades presenciais dentro e fora da universidade.

2 COMO DEFINIR A PEDAGOGIA SOCIAL PARA DEFINÍ-LA DESDE UM PERÍODO PANDÊMICO?

A Pedagogia Social como fundamentação teórica, surge da necessidade de propor metodologias educativas que atendam as especificidades de cada grupo em vulnerabilidade social. Sua práxis busca apaziguar os impactos causados pela desigualdade social, reconhecendo que as práticas socioeducativas são ferramentas essenciais no processo de transformação social e de autossuficiência dos indivíduos. No campo teórico da Pedagogia Social — sobre seu contexto inicial — Érico Ribas Machado, Arthur Vianna Ferreira e Geraldo Caliman, em suas obras, contribuem não apenas para a contextualização social e histórica da Pedagogia Social, mas também reafirmam a importância dela, para o desenvolvimento das práticas socioeducativas existentes nos diversos grupos sociais que hoje, constituem a sociedade.

Hoje, de acordo com Machado (2013) há diferentes perspectivas, que vão contribuir para a fundamentação teórica e metodológica da Pedagogia Social. Dessa forma, para a compreensão autêntica sobre o campo da Pedagogia Social, é crucial ser consciente sobre sua origem e seu contexto social, aonde a partir desse ponto de partida, é possível compreender todo processo de estruturação da Pedagogia social. Machado (2013), ao destacar os processos sociais e educacionais — ocorridos no final do século XIX e no início do Século XX — no continente europeu, destaca os contextos sociais da Alemanha e da Espanha. O autor argumenta que a Educação do século XIX, estava intimamente ligada aos acontecimentos políticos e sociais de sua época, e por isso ela se adapta às condições históricas dos diversos países que no século XIX, estabelecem seus sistemas nacionais (2013, p. 29). Ao falar também sobre o processo de desenvolvimento da Pedagogia Social, afirma-se que

A Pedagogia Social, como um campo teórico a ser aprofundado atualmente, foi organizada na Alemanha do final do século XIX. Paul Natorp (1854-1924) foi um dos primeiros teóricos da educação a cunhar o termo *Socialpädagogik* que se traduz como “Pedagogia Social” utilizado para designar essa teoria.... De fato, Natorp (cf. OTTO, 2009, p. 29) utiliza esse termo em um contexto social alemão específico. No início do século XIX os trabalhadores alemães sofriam com as mudanças sociais e econômicas do país que não garantiam as políticas de bem-estar social e as estruturas sociais mínimas para atender as demandas da população operária e suas famílias. (FERREIRA, 2018, p. 32).

A pedagogia social — nesse contexto — passa a ganhar traços e contrastes de uma teoria e prática educativa, voltada em denunciar as estruturas curriculares formais, que não atendiam as demandas trazidas por essas populações de trabalhadores alemães do século XIX. Portanto, se torna necessário, construir estruturas educativas que se organizem de outra forma, para atender as demandas sociais vividas pelos sujeitos, e a partir disso, propor novos modelos de relações educativas e sociais, que propiciem a integração e a autonomia do indivíduo na sociedade. Ferreira evidencia que outros países do continente europeu como Itália, Portugal, Espanha e Inglaterra, deram continuidade a esse campo teórico, proporcionando também, novas reflexões e perspectivas, com base nas situações econômicas ocasionadas após o processo de guerra, ainda que esses mesmos países “não tenham utilizado o termo “Pedagogia Social” para designar a sistematização sobre essa temática.” (Idem, 2018, p. 33).

Nos países latino-americanos, em especial no Brasil, a preocupação a respeito do ambiente escolar também recebeu um certo destaque. Apesar da constituição das políticas educacionais, se voltarem mais para a organização formal — segundo os interesses os desejos dos grupos que estavam no poder — a realidade social vivida pelos grupos empobrecidos, se tornou foco de diversos estudos na área da Educação:

O manifesto dos Pioneiros da Educação, de 1932, já trazia grandes pontos de inspiração que legitimavam o anseio de uma organização escolar que visasse, de alguma forma, atender às demandas dos grupos populares da sociedade brasileira. Pensadores, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando

Azevedo contribuíram muito para que se entendesse o sistema escolar como uma forma integrada de educar a população brasileira e que, mesmo tendo o currículo como centro da atividade, abriria a possibilidade de enraizá-lo de maneira a promover, nos estudantes, formas mais livres de expressar suas vivências sociais e, por conseguinte, uma maior liberdade para a promoção do exercício da cidadania e da luta pelos seus direitos. (FERREIRA, 2018, p. 63).

Apesar do interesse sobre a existência de uma educação que contemplasse os grupos populares, Ferreira reforça que nenhum desses teóricos envolvidos no Manifesto dos Pioneiros da Educação, são considerados fundadores de uma Pedagogia Social no País, porém os escritos e os movimentos realizados em favor da educação, em conjunto com os autores clássicos desse campo teórico, propiciaram a abertura de pensamentos sobre: “a inclusão de práticas educativas não formais, que se preocupem em se utilizar dos fundamentos da educação na organização educativa e que inspirem os indivíduos a práticas de transformação e emancipação frente às realidades de desigualdades sociais e econômicas do país.” (2018, p. 63).

Sobre a construção e o desenvolvimento da Pedagogia Social no Brasil, tanto Machado (2013), quanto Ferreira (2018), enfatizam sobre o alinhamento feito entre a Pedagogia Social e as fundamentações da Educação Popular desenvolvidas por Paulo Freire. Ferreira destaca que as obras de Freire colocam em evidência os problemas sociais existentes na sociedade:

Nessa trilha de reflexão sobre Pedagogia e realidade social, no Brasil, chegamos a Paulo Freire na segunda metade do século XX no Brasil. As teorias centrais das pedagogias do Oprimido de 1968 e da Autonomia de 1996, assim como as reflexões expressas em livros como: Educação como Prática da Liberdade, de 1967; Ação Cultural para a liberdade, de 1976; Educação e Mudança, de 1979 e A Educação na Cidade, de 1991 - são apenas alguns exemplos da luta que esse teórico, e seus seguidores, começaram a travar no campo ideológico da educação e os problemas sociológicos existentes no país. (FERREIRA, 2018, p.34).

A aproximação e o contato com as camadas populares, os sujeitos em vulnerabilidade social e um sistema escolar que não correspondia essas as dificuldades desses sujeitos, vão contribuir para a construção de um novo método de se pensar a organização da ação educativa no Brasil. Dessa forma, a Pedagogia Social no Brasil, ganha a significação de “Educação Popular”, onde através da ação dos educadores, com base nos conceitos socioeducativos de Paulo Freire, atua no campo social, valorizando outros saberes e realidades.

Para Geraldo Caliman, dentro das diversas concepções que se tem sobre a Pedagogia Social, hoje no Brasil, as contribuições teóricas e as práticas educativas realizadas por Freire, contribuíram para construção de uma Pedagogia social crítica e emancipadora dos indivíduos.

Nesse cenário, a Pedagogia social que antes focalizaria em ações compensatórias e redistributivas, através de uma solidariedade social, agora alinhada à uma perspectiva crítica, essa mesma Pedagogia através de ações socioeducativas, passa a ter como objetivo a mudança não apenas nos indivíduos, mas também nas estruturas mantenedoras da desigualdade na sociedade. Para Caliman (2011), um dos aspectos mais significativos da Pedagogia de Freire, está alinhado a capacitação dos indivíduos no processo de administração dos riscos vividos por eles. Nesse processo: “Os riscos sociais não podem ser simplesmente extirpados da realidade quotidiana das pessoas” (p. 492).

Desse modo, parte-se do fundamento de entender que esses riscos sociais não são casos predestinados, mas frutos da história, e de ações que contribuíram para a manutenção de privilégio de alguns e para a exposição a vulnerabilidade de outros. Portanto, a Pedagogia social dentro de uma perspectiva crítica, objetiva os processos de conscientização e compreensão sobre o mundo, onde estas levam a indignação, que é a provocadora da necessidade de mudanças:

A perspectiva da educação para Freire transfere-se de um centro gravitacional da educação para a realidade sociocultural. Não se trata somente de educar

indivíduos em ambiente conflitivos, mas de promover uma educação de grupos, educação popular, capaz de gerar a ação transformadora da sociedade. Sua palavra-chave é a esperança na transformação social; seu método, o método dialógico. Sua pedagogia (social) se coloca na perspectiva da mudança, situando-se como Pedagogia crítica e emancipadora. (CALIMAN, 2011, p. 493).

A Pedagogia Social, portanto, viabiliza pontes de proximidade entre a dimensão social da vida cotidiana e a educação. Ela: “enquanto práxis educativa é práxis tecnológica com finalidade social, uma ciência educativa do serviço social ou um serviço social em sua dimensão pedagógica” (CALIMAN, 2011, p. 494). Nesse sentido, falamos de uma Pedagogia Social com um potencial crítico e emancipador para a ação socioeducativa. Se trata de uma ciência sensível à dimensão da sociabilidade humana, que objetiva emancipar e potencializar os sujeitos sociais, para que eles sejam conscientes sobre suas condições sociais e históricas, e a partir dessa consciência, assumam o protagonismo no processo de transformação.

3 EXISTEM FORMAS DE CONCRETIZAR A PEDAGOGIA SOCIAL EM PRÁTICAS NÃO ESCOLARES?

O campo de atuação da Pedagogia social exige não apenas uma docência ampliada, mas também novas ferramentas metodológicas, para o diálogo com outros saberes e outras realidades. Falamos de um campo social que é heterogêneo. E ao assumir essa heterogeneidade, reconhece-se a existência de múltiplos grupos sociais com suas diversas vivências, identidades e vulnerabilidades. Se torna fundamental, desse modo, não ser indiferente a essas diferenças, mas trabalhar dentro da especificidade de cada grupo.

Dentro dessa necessidade, de ser atento a alteridade existente na relação com outro, a Pedagogia da Hospitalidade, surge como aporte teórico fundamental para a prática de uma ação socioeducativa que seja inclusiva e acolhedora:

Seja em que circunstância for, tratar alguém como hóspede significa que aceitamos recebê-lo nos nossos domínios, na nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e do que possuímos, sem que isso represente uma perda de poder sobre as nossas coisas (...) por outro lado, o nosso canto fica mais rico pela novidade que entretanto o habitou. (BAPTISTA, 2005, p. 49).

Baptista (2005), assegura que o reconhecimento da pluralidade e da diversidade do humano, nos leva a somar um conjunto de exigências éticas ligadas à necessidade, e ao desejo de viver em conjunto com os outros. Nesse sentido, o compromisso da Pedagogia social, perpassa o objetivo de promover o respeito ao que pré-existe, mas assume também, o compromisso de colocar em prática normas reguladoras do espaço da vida em comum. Para Baptista, isso só é possível a partir de uma reflexão sincera sobre a concepção que construímos sobre o “outro”. Nas relações sociais e isso inclui a própria relação educativa: “A forma que equacionamos a relação com os outros depende muito da concepção de ‘outro’ que tivermos em referência.” (2005, p. 45).

Embora tenha como herança da modernidade, a concepção de que o espaço de realização de cada um, será um tanto mais alargado, quanto maior for a capacidade individual de Intervenção, a Pedagogia social atua de uma forma, no qual o outro não é visto como um limitador da liberdade. Falamos de uma Pedagogia, que dentro de uma prática hospitaleira, reafirma que:

A descoberta desse “outro” é útil à descoberta de si, que possibilita uma relação de proximidade, de protagonismo frente a intolerância, a passividade, o quietismo se configurando como cultura de paz. Ou seja, essa paz acontece quando as pessoas se relacionam, mas respeitam umas às outras, seus espaços, seus silêncios etc. (BAPTISTA, 2005, p. 46).

Se torna fundamental enfatizar, que nesse processo de contato e aproximação com o outro, a convivência, conforme diz Baptista, pode ser geradora de múltiplos sentimentos: “O Convívio é gerador de sentimentos, de afectos, de idéias, de memórias, de desejos e de valores. Como Tal, ele pode, também, ser gerador de conflitos, de frustrações e de riscos.” (Idem, 2005, p.47).

Embora haja plena consciência que essa convivência não é indolor, predomina-se também a certeza de que para uma prática autêntica de hospitalidade, é imprescindível uma verdadeira abertura à alteridade. Essa abertura, embora possa resultar desassossego e risco, jamais poderá justificar uma violência:

Enquanto a prática de convivência, a paz não se confunde com atitudes de tolerância passiva, com indiferença, com conformismo e quietismo. (...) a paz começa no movimento que rompe com o egoísmo e a auto-suficiência, traduzindo-se no prazer do encontro, na atenção, no cuidado e na ação solidária. Sem esquecer que aprender a conviver passa também pelo aprender a respeitar os espaços de solidão e de privacidades. (BAPTISTA, 2005, p. 47).

A Pedagogia da Hospitalidade implica numa experiência que vai além de abrir a sua casa e o seu espaço para o outro, mas se alinha também a partilha de vivências e experiências que se cruzam, anulando certezas igualitárias e reducionistas sobre as experiências sociais que cada indivíduo experimenta. Baptista (2005), destaca que em tempo de tantos conflitos, a sociedade contemporânea tem nas práticas educativas, um lugar privilegiado para a concretização do ideal de humanidade construído em torno dos valores da democracia, da justiça, da paz e da solidariedade. A prática da Hospitalidade exige abertura e acolhimento, porém, reafirma-se que essa sensibilidade pedagógica exigida na prática educativa não deve ser confundida com amor ou com outro sentimento que apele para um sentimentalismo.

A centralização da alteridade na Pedagogia da Hospitalidade, nos leva a reconhecer que todo o indivíduo social é dependente dos demais indivíduos que constituem a sociedade. Falamos de uma ligação recíproca entre o “eu” e o “outro”, onde o mundo individual e o mundo do outro coexistem ao mesmo tempo. Baptista em seus escritos, reafirma que nada prepara melhor para dialogar com o imprevisível e o indecível do que a relação que nos leva a acolher o outro, reafirmando que a descoberta desse “outro”, é útil à descoberta de si mesmo (BAPTISTA, 2005, p. 46). Dessa forma:

A prática da hospitalidade é essencial para que a valorização da dimensão cultural de cada sujeito seja respeitada, pois somente ela garante que a entrada do outro no nosso espaço, aconteça sem desconfiança e medo, onde sua bagagem com sua vivência seja vista não como um obstáculo pedagógico, mas como uma nova possibilidade de potencializar do ato de ensinar, valorizando a riqueza pedagógica dos outros espaços e entendendo que quando se trata de ensinar, a vida utiliza tudo. (PEREIRA; LOPES; 2020, p.77)

Se uma das grandes características da contemporaneidade é a coexistência das múltiplas heranças culturais, religiosas e filosóficas. Essa coexistência exige de todos os envolvidos no processo educativo — e principalmente do educador — o compromisso relacionado a “responsabilidade do herdeiro”, que implica na responsabilidade “de promover o respeito ao que nos pré-existe, ao que nos é dado e transmitido-ensinado”. (BAPTISTA, 2005, p. 36).

Concluimos, desse modo, que a Pedagogia da Hospitalidade surge como um aporte teórico de grande importância, não apenas para o rompimento dos muros individuais, mas também para a construção de laços de convivência, equacionando, portanto, um conjunto de normas e exigências éticas, para um convívio democrático.

4 A PARTIR DE TUDO ISSO CHEGAMOS A UMA ENCRUZILHADA: como realizar ações extensionistas em tempos pandêmicos?

O Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão “Fora da Sala de Aula: Formações, representações e práticas educativas com camadas empobrecidas no município de São Gonçalo”, está registrado como um projeto de extensão no PR3 da UERJ e vêm realizando desde abril de 2016 atividades de formação continuada entre graduandos da FFP, professores da rede municipal e privada e educadores sociais do município de São Gonçalo e Baixada Fluminense encontros mensais discutindo textos de Pedagogia Social e filmes ou documentários com os temas mais recorrentes as rodas de conversas desenvolvidas com esses profissionais.

Esse projeto é organizado a partir de ações formativas, a saber: cursos de extensão na modalidade à distância duas vezes por ano; encontros mensais com educadores sociais, graduandos e comunidade local para a discussão de temas relativos a pobreza, educação e formação docente inicial e continuada; palestras e aulas realizadas fora da UERJ em parceria com as secretarias de desenvolvimento social e educação do município de São Gonçalo e adjacência; e, organização anual de Jornadas de Educação Não Escolar – JENEPS.

A relevância dessas ações extensionistas está na inclusão do campo do saber da Pedagogia Social na formação docente, inicial e continuada, nos espaços formativos do ensino superior. Ao mesmo tempo aproximar a comunidade do entorno da universidade para as discussões sobre as realidades educacionais concretas que acontecem em espaços não escolares e que fazem parte da cultura local do Leste Fluminense.

Ao trazer a realidade de vulnerabilidade vivida pelos grupos sociais da região metropolitana do Rio de Janeiro – de maneira especial, o município de São Gonçalo – os sujeitos envolvidos nessas ações extensionistas identificam os principais espaços de exclusão existentes nessas cidades, como os indivíduos/grupos vivenciam as diversas situações de vulnerabilidade social e quais as principais estratégias educativas podem ser organizadas em conjunto com esses indivíduos para que os mesmos potencializem as suas dinâmicas sociais e políticas para possível defesa e emancipação dos processos de desigualdades sociais.

As pesquisas, que nascem do contato com as práticas extensionistas realizadas por esse grupo, aproximam a universidade dos sujeitos responsáveis pelas práticas educativas com as camadas empobrecidas existentes na sociedade gonçalense e regiões adjacentes, proporcionando a compreensão das “lógicas de ações” dos grupos, a organização das suas vivências e as formas socioeducacionais de perpetuação de (in)submissão desses grupos diante as políticas que são impostas para que sejam vividas pelos indivíduos sociais.

Esse aspecto das relações interpessoais se faz importante para a formação do educador social pois, ao entender essa dinâmica ele pode organizar estratégias supram suprir as reais necessidades dos indivíduos em vulnerabilidade e não aos “pseudo-pobres” determinados por representações sociais presentes nas relações psicossociais. Ou seja, se a práticas educativa estiver focada nesses estereótipos e estigmas com respeito a esses pobres, as práticas educativas sempre serão ineficazes e insuficientes para retirar os indivíduos de sua situação real de pobreza. (cf. FERREIRA, 2012; 2016). A inclusão dos resultados das pesquisas sobre as representações sociais de empobrecimento local para as discussões acadêmicas sobre os espaços sociais de educação se transforma em um diferencial na formação docente ampliada (realizada por essa ação extensionista) na busca de alternativas criativas e estratégias educacionais possíveis para atender as demandas socioeducacionais de São Gonçalo e seu entorno.

As discussões promovidas por essas ações extensionistas formativas apenas corroboram – e ampliam – um conjunto de ações pedagógicas já existentes no departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo sobre formação docente e desigualdades sociais. Nesse caso, todos os resultados dessa práticas extensionista se aglutinam no Laboratório de Pesquisas e Produtos Pedagógicos para/com Educadores Sociais – LaPPes – UERJ/FFP – criado no final de 2018 como grande espaço de consulta pública sobre as atividades realizadas pelo projeto e de consulta gratuita dos materiais produzidos pelos sujeitos extensionistas.

Além disso, todo esse material vivenciado e refletido junto aos sujeitos da educação não escolar é organizado, através desse laboratório, em artigos científicos e livros publicados (por editoras como CRV de Curitiba, Pimenta Cultural de São Paulo, Autografia do Rio de Janeiro) ao longo dos anos. Assim, o projeto atinge o seu objetivo final que é a disponibilização para o público em geral de um conjunto de materiais didáticos próprios e originais para a formação docente, inicial e continuada, conformando, assim, o campo da formação docente ampliada, ou seja, a construção de um conjunto de reflexões sobre as práticas educativas ocorridas fora do ambiente escolar e quais os elementos fundamentais para organizar esse trabalho socio pedagógico. Em geral, as bases fundantes dessa discussão transitam nos campos da Pedagogia Social, Psicologia Social, Políticas Públicas e Formação docente em geral.

As ações extensionistas organizadas para serem desenvolvidas ao longo dos anos 2020 e 2021

foram concentradas diretamente em duas ações bem delineadas mensalmente: os encontros do “Oficine Debate” – em que um vídeo é exibido e os participantes refletem sobre a temática abordada no mesmo – e nos encontros do “Grupo de Estudos” – quando, os textos previamente enviados e estudados, são discutidos no espaço coletivo extensionista e mediados pelo professor coordenador. Todos os textos utilizados para reflexão nas duas ações extensionistas podem ser encontradas em um site próprio para consulta pública e gratuita (www.socializandopedagogias.wordpress.com).

Contudo, com o fechamento das universidades e as redes de ensino no Rio de Janeiro, a partir do dia 15 de março de 2020, para o isolamento social requerido como elemento central do combate a pandemia instaurada com o COVID-19 todas as atividades de ensino, extensão e pesquisa tiveram que ser replanejados para atender essa nova realidade social e sanitária.

Na verdade, a situação promovida pela pandemia do coronavírus nos ajudou a entender melhor os novos tipos de relação que vamos ter que ir construindo ao longo de nossa vida cotidiana e que tem suas consequências em nossas práticas educacionais. Santos (2020) ao refletir sobre a situação que o vírus do COVID-19 nos coloca para pensarmos o quanto a sociedade nos apresenta potenciais conhecimentos decorrentes da pandemia. Dentre eles, o que mais nos auxilia nessa reflexão é a conceito de ‘elasticidade social’. Segundo o autor, “a irrupção de uma pandemia (...) exige transformações drásticas. E, de repente, elas tornam-se possíveis como se sempre o tivesse sido” (Santos, 2020, p. 7). Ou seja, a vivência do vírus a que fomos expostos propõe uma pedagogia sobre o social que faz com que os modos dominantes de viver (trabalho, consumo, lazer, convivência) existentes de forma regular e impositiva ao longo da história passam a ser menos rígidos. E, a situação presente, determinante de certa feita da vida e morte dentro de uma sociedade, mostra que há novas alternativas para vivermos as relações sociais, econômicas e culturais entre os seres humanos. E, só não a realizamos porque o sistema político democrático foi levado a deixado de discutir, desde sempre, as possíveis alternativas ao sistema.

Outro ponto importante ressaltado por Santos (2020) que nos ajudou a pensar novas práticas educativas no tempo de pandemia são as formas de viver a quarentena, e de maneira especial aos grupos mais vulneráveis, social e economicamente, dessa nossa contemporaneidade. Esse são denominados pelo autor como “ao sul da quarentena” e, por muitas vezes, não podemos determinar com exatidão a sua extensão social.

A lista dos que estão a sul da quarentena está longe de ser exaustiva. Basta pensar em gente encarcerada e nas pessoas com problemas de saúde mental, nomeadamente depressão. Mas o elenco selecionado mostra duas coisas. Por um lado, ao contrário do que é veiculado pela mídia e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento injusto que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a esse sofrimento. (SANTOS, 2020, p. 21).

Ao pontuar-se dois elementos importantes da pedagogia do Vírus refletida pelo autor, pensamos de forma criativa as práticas educativas extensionistas situadas dentro dessa discussão e como nos organizamos dentro do contexto da pandemia para continuar as nossas práticas formativas. Ao pensarmos em “elasticidade social”, trazemos a preocupação de encontrarmos formas de realizar a formação continuada proposta pelo projeto de extensão. E, ao pensarmos no “sul da quarentena”, pensamos no público que já participava das nossas formações (os que trabalham com as camadas empobrecidas da região metropolitana) e como podemos fazer para que a educação seja uma ferramenta que diminua a exclusão social que essa pandemia amplifica e legitima as diversas formas com os quais os sujeitos são tratados pelo sistema econômico para vivenciar – ou não – o período de isolamento social como forma de preservação da vida.

A partir dessas duas premissas, as atividades extensionistas desse projeto se reorganizaram para atender as demandas desse tempo-espaco-histórico pandêmico na região metropolitana do Rio de Janeiro.

5 DE FORA DA SALA PARA DENTRO DA REDE: as alternativas de ações extensionistas para o período pandêmico

A partir desse momento, construiremos um breve relato sobre as práticas realizadas a partir dos pontos de ação de enfrentamento desse momento pandêmico existente no cenário educacional brasileiro. Faz-se importante colocar de forma reduzida os dados relevantes sobre as atividades realizadas pelo grupo nesses dois anos (2020 e 2021) através das redes sociais (Facebook, Instagram, Youtube, Blogs e Podcasts), algumas criadas especialmente para esse período da pandemia e que foram, aos poucos, incorporadas como novas atividades do nosso grupo.

A rede social Facebook (@projexforadasaladeaula) já existe como espaço de divulgação das atividades presenciais do grupo. A partir de abril de 2020, ela passou a ser utilizada para duas novas atividades: a primeira, criada no tempo da pandemia foi a ação extensionista “Livestudos”. Essa prática constituiu na organização de lives bimestrais que traziam convidados do campo da educação social para discutir sobre as temáticas e os problemas que aconteciam com a presença do COVID-19. Assim como, os profissionais da educação social, em diversas partes do país puderem relatar suas experiências e suas criatividade para continuar trabalhando no sistema remoto. Esses encontros se realizam através de streams gratuitos e tinha uma duração de 60 minutos.

A escolha desse formato atendia a duas políticas de nosso grupo: a utilização de ferramentas digitais gratuitas, como forma de demonstrar que é possível fazer um trabalho de qualidade, mesmo com baixo orçamento; e, a utilização de redes sociais mais populares e que possam ser executadas em aparelhos de celulares e/ou tablets mais populares. Assim, facilitaríamos o acesso aos nossos conteúdos e teríamos maior participação da população. Essa atividade foi institucionalizada pelo nosso grupo e continuar a ser realizada até o presente momento.

Outra atividade que foi readequada para o novo formato do período pandêmico foi o Oficina Debate. Esse evento era realizado de forma presencial nas dependências da FFP/UERJ, onde os alunos podiam assistir um filme e logo após discutir sobre o mesmo. No tempo pandêmico tivemos que readaptá-lo para o sistema totalmente on-line. Assim, bimestralmente, indicávamos um filme para ser visto e no dia programado era feito uma live onde um bolsista do grupo, juntamente com outro convidado faziam a discussão sobre o filme, sempre tendo em consideração um texto sobre Pedagogia Social para a discussão. A live era transmitida ao vivo pelo facebook e os ouvintes poderiam interagir a partir do chat do facebook. Esse modelo ainda permanece em funcionamento ainda até o presente momento, pois as circulações da Universidade ainda se encontram cerceadas por causa de algumas medidas sanitárias do período pós-covid 19.

Embora o facebook continue sendo um espaço de divulgação sobre as atividades do grupo, principalmente na disseminação dos links para que os sujeitos pudessem ser direcionados as atividades formativas mais interessantes para cada um dos educadores no período de pandemia. A pandemia promoveu a presença das atividades extensionistas em outros espaços de distribuição de vídeos e mídias sociais.

Os vídeos produzidos, tanto pela livestudos quanto pelo Oficina debate, está organizados na página do Grupo Fora da Sala de Aula no Youtube com o nome “Projeto Fora da Sala de Aula” (<https://www.youtube.com/channel/UCcWxG9Fs9v1VCRFCOCbv1Zg/videos>). Assim, damos uma nova funcionalidade para a plataforma digital Youtube: ser um repositório de vídeos produzidos pelos jovens bolsistas de extensão, iniciação científica, monitoria, pós-graduação e outros convidados envolvidos na formação continuada de educadores sociais. O Youtube passa ser o local de encontro de ‘materiais didáticos’ possíveis para as reflexões sobre a Pedagogia Social, a formação docente ampliada e as práticas educativas sociais com as camadas empobrecidas. A utilização dessa plataforma gratuita amplia o acesso a discussão e promove a universalização de materiais produzidos pelos integrantes do grupo e seus encontros com os educadores sociais, não somente do leste fluminense, mas de todo o Brasil.

Os Grupos de estudos, realizados de forma presencial, foram reorganizados para o sistema virtual. Desde 2020, os bolsistas e os vários educadores sociais e alunos de graduação foram convidados a participar quinzenalmente das reflexões totalmente on-line através da plataforma de vídeo conferência (Whereby.com). Foram por volta de 20 textos estudados em grupo, de forma remota, ao

longo desses dois anos de forma sistemática e continuada. Todos esses textos e livros estão disponíveis no repositório para consulta pública (www.socializandopedagogias.wordpress.com). Na volta ao sistema presencial, estamos fazendo a experiência das atividades de forma híbrida, ou seja, parte dos alunos se encontram na FFP/UERJ e outra parte, os educadores sociais de todas as regiões fluminense, se encontram conosco de forma síncrona pela plataforma virtual.

Outros espaços, e conseqüentemente outras ações extensionistas, se organizaram dentro do conceito de “elasticidade social”, em outras redes sociais criadas pelo grupo para atender a demandas a diversidade de vivências dos grupos “ao sur da quarentena” em seus períodos de pandemia.

O primeiro deles foi a rede social Instagram (@foradasaladeaula). A criação desse espaço de comunicação com o público atendido pela ação extensionista se deu pela sua rapidez e divulgação entre os educadores mais jovens (entre 19 a 25 anos). Com suas notícias mais rápidas e seus vídeos curtos, os conteúdos de formação foram compactados para que mais pessoas pudessem receber os conteúdos, de forma mais simples e pontual. E, a partir dos interesses de cada um dos participantes, eles eram indicados a procurar os outros canais do projeto de extensão. Nesses dois anos, além da participação de educadores sociais do sudeste do país, essa rede ampliou o alcance do número de participantes de nossos conteúdos, principalmente de outros estados do Brasil, principalmente do Sul (Paraná e Rio Grande do Sul) e do Nordeste do Brasil (Bahia, Paraíba, Pernambuco e Ceará).

O segundo espaço foi a criação de Podcasts organizados em plataformas gratuitas (Spotify e Anchor fm) para a leitura e aprofundamento dos textos que foram sendo utilizados nos cursos de extensão a distância e no grupo de estudo quinzenal de nosso Grupo de Pesquisa.

O canal Fora da Sala de Aula – FFP/UERJ (<https://anchor.fm/professor-arthur> ou <https://open.spotify.com/show/2tl7tie9SoNppzEWc7Cd1D?si=ac3c6539f83c4724>) produziu 10 áudios, de 10 minutos em média, com a leitura e a explicação de textos sobre Pedagogia Social e Educação Social. Dessa forma, amplia-se as possibilidades de aprendizagens dos sujeitos extensionistas no período de pandemia. Atualmente, a procura por esse material em formato de áudio se apresenta de forma contínua através de constante propagandas realizadas através do perfil do grupo de extensão na rede social instagram que promove semanalmente lembretes para que os seguidores possam (re)visitar esses áudios ao longo dos meses. Além disso, esses áudios se transformam em ‘recursos áudio-didáticos’ para os alunos da graduação de Pedagogia e Licenciaturas da FFP/UERJ nas disciplinas de Didática, Psicologia Social e Psicologia da Educação.

E, o terceiro espaço virtual organizado no período pandêmico e que tem uma relação direta com as ações extensionistas são os canais virtuais de Youtube e Podcast intitulados ‘Apoema FFP’. Esses canais, sob a responsabilidade do Projeto de Extensão TEAR, organizou as aulas remotas para a graduação das licenciaturas da FFP/UERJ no período de abril de 2020 a maio de 2022.

As aulas assíncronas realizadas pela plataforma de videoconferência gratuita (whereby.com) foram gravadas e colocadas no canal Apoema FFP do Youtube (https://www.youtube.com/channel/UCh3M4z_BmVU9VY53TT_saBg). Essas aulas correspondem as disciplinas Educação Em Espaços Não Escolares, Didática, Psicologia da Educação e Psicologia Social. Esse recurso das redes sociais foi extremamente precioso para que os alunos pudessem acessar, de maneira fácil, gratuita e rápida, os conteúdos das disciplinas. O bolsista de extensão se fez responsável pela organização desse espaço. Contudo, como esse material está disponível de forma pública, o canal do Youtube que inicialmente foi organizado para os sujeitos em formação inicial, passou a ser visitado por outros sujeitos que não estavam regularmente matriculados nas disciplinas. E, dessa forma, os vídeos foram se organizando para atender a outras demandas que não as do cotidiano da sala de aula.

Na verdade, o espaço virtualizado da formação docente inicial foi ampliado de forma a abrigar, não somente os alunos, mas também todos os interessados nas aulas postas nessa plataforma, atendendo a demandas que não podemos mensurar, mas que também contribuir para outros processos formativos não escolares. (ou seja, fora do que foi previamente programado nas ementas das referidas disciplinas universitárias).

Da mesma forma, o canal de Podcast “Apoema FFP” segue o mesmo critério do seu canal

correlato do Youtube, porém com conteúdos diferentes. Em canais gratuitos do Spotify e do Anchor fm (<https://open.spotify.com/show/71q8jmd38wQapJvm6dvOK3>; <https://anchor.fm/apoemaffp/>) os materiais no formato de ‘áudio-aulas’ irão versar sobre os textos utilizados nas aulas da graduação de Licenciaturas da FFP/UERJ. Os áudios mantem o formato de 10 minutos para cada textos (em média) no qual os alunos – e outros interessados nos temas – podem escutar a explicação sobre os principais pontos dos textos trabalhados em sala de aula. A dinâmica que aconteceu no canal do Youtube se apresenta da mesma forma nesse formato de ‘áudio-aulas’ e, com isso, esse recurso áudio-didático tem sido frequentado por outros sujeitos que não se encontram em formação inicial.

Esses dados podem ser recolhidos pelas métricas produzidas pela mesma plataforma que indica, não somente a assiduidade, mas também a localidade na qual esses áudios são acessados. Ao longo desses dois anos, temos registrado o acesso desde outros países da América Latina apresentando uma ampliação do alcance de nossos materiais, primeiramente produzidos para os nossos alunos locais, em outros espaços-tempos de formação inicial e/ou continuada.

Ambos os canais (Youtube e Podcasts) do Projeto Apoema FFP continuam ativos mesmo após o período de isolamento de COVID-19 por dois motivos: o primeiro, institucional, uma vez que a universidade continua se utilizando das plataformas virtuais nesse período pós-pandemia; e, segundo, pedagógico, à medida que se apresenta uma adesão dos alunos a esses recursos didáticos como parte da sua formação docente inicial. Ao mesmo tempo, a contínua procura pelos vídeos e aulas por outros sujeitos fora do ambiente universitário faz com que esse repositório tenha demanda suficiente para a manutenção desses espaços pelo projeto de extensão TEAR e o Laboratório Lappes – FFP/UERJ.

Por fim, vale a pena destacar uma das atividades que mais exigiu do grupo de estudos o esforço para que pudesse ser realizado de forma efetiva e eficaz no período pandêmico: as Jornadas de Educação Não Escolar e Pedagogia Social (JENEPS). Com o fechamento da UERJ nos anos de 2020 e 2021, as jornadas tiveram que ser feitas de forma virtual, como todos os outros eventos e congressos da área da educação no período pandêmico. Isso exigiu de cada um dos integrantes um grande esforço pelas seguintes condições: a utilização de recursos tecnológicos e mídias sociais comuns para o evento, a dependência do pacote de dados de internet de cada um dos integrantes (e participantes do evento), e, a falta de habilidade dos integrantes do grupo para o gerenciamento das tecnologias e mídias digitais que tiveram que ser adaptadas para esse tipo de atividade.

Contudo, as duas (Web)JENEPS – como ficaram conhecidas – tiveram suas vantagens como o aumento do número de participantes dentro e fora do estado do Rio de Janeiro, a presença de palestrantes Internacionais (Portugal, Moçambique e Guiné Bissau) nas Telas de Conversas (nome que foi dado para as mesas realizadas nos encontros) e um aumento na apresentação de trabalhos orais através das salas de vídeo conferências. Assim, os resultados desses trabalhos puderam ser reorganizados nos Cadernos JENEPS que funcionam como os Anais do evento.

Em 2020, o tema do V (web) JENEPS foi “Educação Social: Entre a pandemia e os pandemônio(s)” e o em 2021, o VI (web) JENEPS fez memória ao centenário de Paulo Freire com a reflexão “Pedagogia Social: da indignação à emancipação”. Além da produção do material físico a partir da publicação dos textos apresentados, a novidade se encontra na gravação das discussões e seu acesso ao público através dos repositórios do Youtube Fora da Sala de Aula.

Essa experiência de virtualidade proporcionado por esses dois eventos de ordem extensionistas motivou aos projetos (Fora da Sala de Aula e TEAR) a reorganizarem. em 2022 esse, as atividades dessa Jornada de maneira diferenciada. A partir da progressiva reabertura da UERJ para as aulas e os eventos presenciais, o VII JENEPS retoma as suas atividades dentro da FFP, porém de forma híbrida. Assim, 2/3 das suas atividades foram realizadas de forma presencial, contudo com a possibilidade de participação dos indivíduos de forma remota. A tentativa do grupo é, ao retomar a formação presencial conciliar os benefícios aprendidos desde as atividades remotas do período pandêmico. Dessa forma, podemos citar como exemplo a ampliação das participações dos sujeitos de outros municípios do Rio de Janeiro, de outros estados do país e outros países lusófonos (como aconteceu nos dois anos de pandemia COVID-19). Outro ponto relevante trazido pela organização do evento de forma remota foi a possibilidade da presença de palestrantes, professores e educadores sociais, de outros estados brasileiros, assim como,

outros países nas mesas de reflexão e rodas de conversas. O remoto possibilita esses encontros uma vez que diminui os custos (econômicos e temporais) que o formato presencial acarretaria para esses profissionais da educação em função dos deslocamentos até a FFP/UERJ.

Ao final desses relatos de experiências que mostram uma “elasticidade social” e a vivência do “sul da quarentena” (cf. SANTOS 2020) assumidas pelas atividades extensionistas realizadas, reorganizadas e (re)criadas em função da pandemia de COVID-19 esquadrinha-se, abaixo, um panorama das ações extensionistas formativas promovidas por esses projetos de extensão presentes no Lappes – FFP/UERJ.

Figura 1 – Atividades dos Projetos de Extensão Fora da Sala de Aula e TEAR organizados no Laboratório de Pesquisas e Produtos Pedagógicos para/com Educadores no período da pandemia COVID-19 (2020-2022).

ATIVIDADES DO GEPE FORA DA SALA DE AULA (2020-2022)	Existente antes da pandemia COVID-19	Criado durante a pandemia de COVID-19	Quantitativo das atividades (Vídeos, áudios e blogs)	Alcance de visualizações das atividade (antes e depois das exibições)	Localidades dos participantes das atividades (Estados e Países com mais expressividade)
LIVESTUDOS		X	33	674	RJ-SP-ES-BA-PR-RS-CE-PA-PE
OFICINE DEBATE	X		19	372	RJ-SP-ES-BA-PR-RS-MG-CE-PA
JENEPS	X		16	1830	RJ-SP-ES-BA-PR-RS-CE-PE-DF-MG Portugal – Moçambique – Guiné Bissau
YOUTUBE FORA		X	63	839	-
INSTAGRAM FORA	X		42	1079	-
PODCAST FORA		X	21	110	Brasil – Portugal – Peru – México – Moçambique – Portugal
FACEBOOK FORA	X		127	2770	-
YOUTUBE APOEMA		X	22	210	-
PODCAST APOEMA		X	12	56	Brasil – Peru – México – Portugal
FACEBOOK TEAR	X		39	359	-
CURSOS DE EXTENSÃO EAD	X		05	1603	RJ-SP-ES-BA-PR-RS-MG-BA-PE

Fonte: Autor, 2022.

O quadro acima deixa claro as mudanças acontecidas ao longo da pandemia e como as ações extensionistas se multiplicaram ao longo do período da pandemia de COVID-19 e o isolamento social imposto pela Universidade. Na verdade, ao nos determos nos conteúdos expostos percebemos que as atividades dos projetos de extensão sofreram alterações substanciais, mas não essenciais com respeito ao oferecimento de processos formativos para práticas educativas não escolares. De fato, a reformulação imposta pela pandemia para o grupo legitimou o espaço virtual como o ambiente não escolar favorável para a formação da mesma temática trabalhada pelo grupo, ou seja, as práticas educativas tratadas como não formais e informais.

Com essas modificações vemos uma ampliação de frentes de trabalho que promoveram novos espaços formativos e novas relações com os ambientes virtuais que favoreceram tanto aos educadores sociais quanto aos bolsistas envolvidos nos projetos de formativos. Salvo os cursos de extensão EAD que já eram oferecidos pelos projetos antes da pandemia, todas as outras atividades que ganharam a sua versão virtual, tiveram um aumento significativo no quantitativo de participações formativas, assim como houve uma ampliação no atendimento do público alvo das formações a partir das atividades remotas.

Dessa forma, há uma tendência forte dentro do Lappes, e das ações extensionistas administradas por esse espaço, de manter as atividades de forma remota e/ou híbrida. Assim, mantém-se o que foi aprendido com a pandemias sobre as diversas possibilidade de formação para a temática das práticas educativas não escolares e a reflexão sobre a Pedagogia Social com os grupos mais empobrecidos de nossa sociedade.

6 DESDE AS “ENCRUZILIVES” DA FORMAÇÃO NO PERÍODO, QUAL SERÁ O FIM DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS?

A resposta para a pergunta proposta como consideração final desse artigo é: olhar para o futuro, a partir da experiência da virtualidade que nos foi imposta. Mesmo com o isolamento social vivenciado no período da pandemia de COVID-19, o campo do saber da Pedagogia Social continua fornecendo pistas para que pudéssemos pensar sobre as nossas ações formativas no campo da extensão. Uma vez que esse conjunto de teorias se debruça sobre o trabalho realizados nos espaços socioeducacionais, o espaço do virtual se transformou nesse novo lugar da existência de pessoas que, mediadas pelas diversas redes sociais e mídias, puderem estabelecer vínculos possíveis para continuar refletindo sobre uma educação geradora de seres críticos, autônomos e emancipadores (cf. CALIMAN, 2011).

Ao mesmo tempo, os espaços virtuais de formação apresentados ao longo deste artigo mostraram um grande esforço para encontro com a alteridade de sujeitos que se encontravam afastados pelo distanciamento social. Assim, a hospitalidade como dispositivo pedagógico se transformou em um dos elementos chaves para pensarmos novas alternativas de ação extensionista. E dessa forma, a criação e reformulação dos espaços formativos passa a ser a possibilidade do exercício da existência de um outro que, mesmo não presencialmente, tem uma demanda de formação a ser atendida.

E, conforme Baptista (2005, p. 49) nos lembra criamos ambientes extensionistas que possam receber esses sujeitos em processos de isolamento social como “hóspedes” em nossos espaços de formação virtual, colocando à disposição o melhor dos que somos e possuímos como formadores, sem perder a riqueza da diferença e da diversidade cultural que os recursos virtuais nos proporcionaram ao ampliarmos o nosso espectro de atendimentos em outras regiões do país – e por que não dizer – do mundo.

Assim, o que se apresenta relatado como produção extensionista nesse período específico da pandemia é o que autores como Santos (2020) propõe a constatação de uma realidade desigual e uma nova forma de se pensar as relações desde a fragilidade exposta pelo vírus COVID-19. Ou seja, a reorganização das atividades demonstra a nossa capacidade de nos reinventarmos cotidianamente, inclusive no período pós-pandêmico. As ações extensionista continuam transitam nas encruzilhadas virtuais como parte do seu processo formativo, com seus ganhos e perdas, mas com a certeza de que o seu papel continua a ser desempenhado, dentro e fora das práticas educativas do ensino superior brasileiro.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético.** Porto, Portugal: Profedições, 2005.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social no Brasil: evolução e perspectivas. **Orientamenti pedagogici:** rivista Internazionale di scienze dell'educazione, v. 58, n. 345, p. 485-504, 2011.

FERREIRA, Arthur Vianna. **Convivência e Itinerância: uma abordagem psicossocial para revitalização das relações agostinianas.** Maringá: A. R. Publisher Editora, 2019.

MACHADO, Érico Ribas. **Fundamentos da Pedagogia Social.** Paraná: Editora Unicentro, 2013.

PEREIRA, Débora Simeão Ortman; LOPES, Lucas Salgueiro. CONVIVER REQUER HOSPITALIDADE: pensando modelos de práticas socioeducativas a partir dos diálogos entre as Pedagogias da Hospitalidade e da Convivência. In: FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simão (Org.). **Educação, Hospitalidade e Pobreza.** Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do Vírus.** Rio de Janeiro: Boitempo, 2020.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).